

LOUCURA: DA ERA MEDIEVAL A CONTEMPORÂNEA

MARCIANO GUALBERTO ANDRADE NASCIMENTO JUNIOR²³⁷
FACULDADE INTERNACIONAL DO DELTA
juniorrnietzsche@gmail.com

CLETO SANDYS NASCIMENTO DE SOUSA²³⁸
SEDUC-PI
cletosandys@hotmail.com

RESUMO

Com o objetivo de analisar o conteúdo epistemológico presente nas obras: *A História da Loucura* e *O Alienista*, com a intencionalidade de pensar o percurso da Loucura da Era Medieval até contemporaneidade, pautada nos avanços da medicina, com outros costumes e modos de tratamento para especificar de maneira mais científica essa enfermidade. A metodologia é composta pelo levantamento dos textos *A história da Loucura* de Michel Foucault, que traz as informações de como se perpetuavam os tratamentos a enfermidade da loucura na era medieval tendo seguimento depois da Lepra e doenças venéreas, e obra *O Alienista* do Machado de Assis, que problematiza a questão de como eram tratados os Loucos em Itaguaí no século XIX, na mesma temporalidade em que o Brasil ainda fazia parte da coroa de Portugal.

Palavras-chave: História. Loucura. Medieval. Contemporânea.

O presente artigo, tem como intenção fazer um passeio durante alguns séculos, da época medieval na Europa, até o século XIX no Brasil, chegando em um arremate que nos faça pensar como a loucura se perpetuou durante esses regimes de tempo, e ainda impera em nossa contemporaneidade com todos os avanços da ciência. Inserida nessa linha cronológica constante, tendo como base epistemológica as fontes escritas “A história da Loucura de *Michel Foucault* e *O alienista* de *Machado de Assis*”.

O homem Europeu desde a Idade Medieval em toda sua evolução humanitária, tem se relacionado com algo no intrínseco de si, de uma forma que chegasse a cunhar toda a sua existência, tendo como nome a loucura, alienação, desrazão, “demência”. Talvez em virtude disso, essa presença obscurecida tida como razão ocidental, deva algo de sua total profundidade.

²³⁷ Graduando do curso de Licenciatura plena em História da Faculdade Internacional do Delta-FID.

²³⁸ Mestre em História do Brasil pela UFPI, Doutorando em História pela UFU. Professor da SEDUC-PI.

Em certa medida hipotética a relação Razão-desrazão constitui para a cultura ocidental, um dos processos dimensionais mais próximos de sua originalidade, ela é a companhia que deu-se muito antes de *Jeroen Bosch*²³⁹ e seguiria seu intencional percurso acompanhado de *Nietzsche*²⁴⁰. O que seria então todo esse afrontamento vindo por baixo dos dispositivos de poder relacionado a linguagem da razão? Em direção que ele poderia nos conduzir a uma interrogação que não seguiria a razão em seu tornar-se horizontal, mas que buscaria acabar retrazando na temporalidade essa verticalidade em constância, que ao longo da cultura europeia a confronta com o que ela não é, com a medida proporcional de sua própria desmedida.

Seguindo-se cronologicamente, a segunda metade do século XV ou mesmo depois, o tema da morte impera completamente sozinho. A finitude do homem, a finitude dos tempos, se daria através de assumir os postos das pestes e das guerras. O que várias vezes dominou a existência do ser humano, é esse fim e essa ordem que não sugere escapatória, essa confiança que todos tem. A presença que é uma ameaça no total interior de todo o mundo, é uma presença completamente descarnada, e eis que nos últimos anos do século, essa imensa inquietude faria um giro em torno de si própria, o desatino da loucura substitui a morte e a seriedade que sempre vinha lhe acompanhando.

A loucura seria o propagar-se da própria morte, mas o que existe no riso do insano, alienado, louco, é que ele sempre ri antes do riso da morte, e a prevendo a ponto de sentir completamente monstruoso e macabro, o insano se desarma. A loucura tem toda uma relação de fascinação, em virtude de ser um saber, um saber para além da percepção, que consiste no sentir, ou mesmo no estado de se imaginar insano, para tentar ver, como funciona a insanidade e a grandeza de todos os seus mecanismos. Esse saber tão inacessível e temível, onde o louco é detentor em sua parvoíce inocente, enquanto o homem de total raciocínio percebe somente algumas figuras fragmentarias e por isso mesmo acaba sendo mais inquietante.

²³⁹ Jeroen Bosch 1450 — 9 de agosto de 1516), foi um pintor e gravador holandês dos séculos XV e XVI. Muitos dos seus trabalhos retratam cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras mesmo no seu tempo.

²⁴⁰ Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, Reino da Prússia, 15 de outubro de 1844 — Weimar, Império Alemão, 25 de agosto de 1900) foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha.[1] Ele escreveu vários textos críticos sobre a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo.

A experiência clássica da loucura que nasce grande e nociva ameaça, que veio a surgir no século XV, se atenuando os poderes inquietantes da alma que habitavam toda a estrutura da pintura de *Jeroen Bosch*, mas acabou perdendo sua violência. Algumas formas acabaram subsistindo, agora transparentes e dóceis acabaram formando todo um cortejo, o inevitável cortejo da razão. O total esquecimento acabou caindo sobre o mundo, sulcado pela livre escravidão de sua “Nau”, ou seja, seu navio dos insanos, essa nau, não irá mais de um a quem para um além, em seu estranho momento de culminação, nunca mais esse momento de passagem será fugido e absoluto.

Ei-la amarrada com compaixão no meio das coisas e das personas, isolada e totalmente segura. Desde então, passou-se a não existir mais a barca dos insanos, mas outro lugar de possível acolhimento e detenção: o **Hospital**. Durante toda a era medieval, os loucos fazem parte de uma paisagem tida como social, e uma paisagem tida como social e pitoresca que servia de relançamento de uma estrutura muito cética. A loucura é inconsciente, e porque se todos são loucos, não haveria mais ponto de referência para se saber se era louco ou não.

O interessante e inteiramente potente da era clássica é o fator histórico contido nela por muito tempo silenciado, no qual consistia que um certo dia contido na linha da cronologia, em abril de 1657, foram segregados e detidos em Paris cerca de seis mil pessoas. Tais pessoas foram levadas à deriva da opressão ao Hospital geral, porque eram desempregados, ou mendigos miseráveis e inúteis aos olhos das pessoas que lhes colocavam nessa casa de separação social, independentemente de sua condição de nascimento, ou se apresentava condição de trabalhar para se sustentar ou não, se fosse considerado ocioso, era tido literalmente como louco, e tinha que ser escorraçado.

Eram também considerados loucos ou alienados, homossexuais desprovidos de sensatez. Eram enviados aos Hospitais gerais, sem que se chegasse a se tomar contra eles em nenhum momento uma medida jurídica precisa, era uma medida da polícia, regida por ordens Reais, que simplesmente deveriam ser obedecidas sem questionamentos, e o que seria mais absurdo: era necessária somente uma suplica dos familiares do insano, para que ele passasse o resto de seus dias detido dentro de um Hospital geral, em condições sub-humanas. Essa prática durou quase um século e meio, foi um grande ritual de exclusão regido por crueldade e falta de humanidade.

É notório que a Europa, tinha seus regimes de partes territoriais invadidos por fome, guerra e muito para além da peste negra, a lepra e as doenças venéreas, que com o passar da cronologia e suas potentes mudanças, depois saíam de cena, e dariam lugar

para a loucura, a insanidade, a maldita habitação dos lunáticos que deveriam se escorraçados a todo custo sem chance de defesa, ou quem os defendessem.

O Arcebispo Puisel, chegaria a fundar no final do século XII, um hospital no qual em 1434, apenas dois lugares tinham sido contagiados com a enfermidade da lepra. Em 1348, o leprosário de Saint-Alban na França, continha apenas três homens. O hospital de Romenall em Kent, teve sua habitação dissipada, e foi abandonado em virtude disso, vinte e quatro anos depois por falta de leprosos no interno de seus espaços.

Nesta mesma época na Alemanha, o repúdio contra as pessoas leprosas acabou ocorrendo, só que de maneira mais lenta, mesma conversão também de forma demasiado apressada como na Inglaterra por uma reforma que chegou e confiou a administração da cidade as obras tidas como de caridade e os espaços dos hospitais gerais. Em Munique, Leipzig e Hamburgo ocorreu basicamente a mesma coisa, com a mesma intencionalidade.

Em Lippling o leprosário seria invadido e povoado por incuráveis loucos. A verdadeira herança da lepra não deveria ser buscada ali, mas sim em um fenômeno muito complexo a ponto de a medicina chegar a demorar muitos anos para se apropriar e poder apresentar uma resolução plausível a respeito, esse fenômeno complexo demais a ponto de causar sérias indagações em relação à loucura.

A loucura só veio ser dominada no século XVII, durante a Renascença na Europa. Essa “Loucura”, cujas vozes da Renascença problematizaram, acaba de tornar liberto todo o seu agir, sendo que a violência ela fez total domínio, que depois teve sua voz ocultada pela era clássica, através de um grande e posterior golpe que fez uso coercivo. Com todo o propagar-se da dúvida, o filósofo e físico René Descartes²⁴¹, tem a loucura como *os* fluxos de imaginações e cortejos que rumam aos sonhos, e tudo aquilo que rege uma natureza errônea.

Descartes não tinha medo do perigo da loucura, tanto que não passava a evitá-la do mesmo modo que fazia o contorno da eventualidade do sonho, que mesmo que não fosse palpável, tinha certeza dos regimes de sua existência que agia de forma contornada com o erro. Na imensidão da dúvida, há uma oscilação que culmina em um

²⁴¹ René Descartes (La Hayne em Touraine, 31 de março de 1596 – Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650) foi um filósofo, físico e matemático Francês. Durante a idade Moderna também era conhecido por seu nome latino Renatus Cartesius.

desequilíbrio em virtude da loucura, ocupando todo o espaço de um lado, e o sonho e o erro de outro.

Na perspectiva das internações regidas pela cronologia contida no século XVII, foram criadas várias casas que serviam como internamento dos lunáticos ou insanos, não é muito notório que mais de um habitante em cada cem da cidade de Paris, encontrava-se completamente aprisionado numa dessas casas de detenção por alguns anos.

Essa ótica mostrava que o poder absolutista da época utilizou das cartas régias e de medidas que culminaram em prisões arbitrárias, sendo menos notório qual a consciência jurídica que viria a animar toda essa causalidade aqui mensurada, e também sabida qual consciência jurídica viria a causar uma potente animação nessas causas. Tendo seguimento, a partir de Pinel, Tuke e Wagnitz, e nota-se que os loucos, foram recolhidos sob as regras seguidas de maneira total por esse internamento, e eram encontrados nas salas dos hospitais gerais, nas detenções das casas de força.

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas de particularidades de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma “infra-penalidade”, quadriculam; um espaço deixado vazio pelas leis qualifica e reprime um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença. (FOUCAULT, 1987, p. 149)

Entre as muralhas do quadro do internamento que Pinel e o campo da Psiquiatria do século XIX, encontrarão os loucos, e lá não foi esquecido que eles os deixarão, não sem antes manifestarem uma vangloria em sua existência, pôr os terem libertos. Com o prosseguimento cronológico, na metade do século XVII, a loucura esteve completamente inserida nessa terra regida por internamentos e ao gesto que mensurava essa localização nesse espaço de terra, como o seu local de total naturalidade. Considerando os fatos em toda sua estrutura de formação, sendo o internamento dos alienados e a estrutura mais visível na tão emergente loucura, prosseguia-se sendo esse um motivo escandalizado, quando essa experiência que tanto veio a incomodar, sumiu dos cenários da era medieval.

Muitas vezes esses hospitais gerais ou essas novas casas de internamento, tem sua existência dentro das muralhas dos antigos leprosários, tornando-se herdeiros de seus bens, em virtude de forças eclesiásticas, seja por forças de decretos que vieram a

ser baixados em toda a conjuntura do século XVII. Tendo como prosseguidor de suas instâncias, esses espaços destinados aos insanos, eram mantidos pelas finanças públicas, e todos os outros valores que passavam pela mão do Rei.

Nessas instituições com muitos conflitos envolvidos no processo de prosseguimento, os velhos privilégios da Igreja, que dava assistência aos pobres com todo seu seguimento de hospitalidade, e toda a preocupação da classe burguesa de fazer uma limpeza no mundo dos miseráveis, com o desejo de ajudar e a necessidade de repressão, ao seguimento da propagação da caridade e a vontade de instaurar punição.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem induzam a afeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da época clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para as quais a história da ciência guarde tão poucos elogios. (FOUCAULT, 1987, p.143)

Com o decorrer de toda uma temporalidade, expandiram-se os regimes de punição pela região da Europa, que ao final do século se estabeleceu o processo de percorrer todo esse espaço através da Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha, propagando-se todos esses lugares de internamento tidos como: prisões, casas de detenção e hospitais gerais.

Tendo seguimento dentro de um percurso de tempo inserido na era moderna, a situação de internamento tornou-se uma espécie de amalgama de origem abusiva, de elementos de fases diferenciadas. Nessa perspectiva, ele deveria fazer jus a uma unidade que visse a comportar sua urgência entre esse percurso de diversas formas que as suscitou deve existir um princípio com uma coerência instaurada que não basta por de lado regido por um escândalo seguido por uma sensibilidade que se propagou a ser pré-revolucionária.

Conhecer e sujeitar, saber no intrínseco do que realmente se sabe e comandar, essas são coisas que estão ligadas de forma muito íntima, tanto que essas verdades estão contidas no estado puro do hospital psiquiátrico, onde o saber médico, o conhecimento aparentemente certo e único nesse lugar que tem um reinado regido por psiquiatras, onde acaba sendo absolutamente indissociável de um poder que tem sua essência regida por uma meticulosidade, sabiamente hierarquizada acaba por se desvelar no espaços dos hospícios.

A doença é percebida fundamentalmente em um espaço de projeção sem profundidade e de coincidência sem desenvolvimento. Existe

apenas um plano e um instante. A forma sob o qual se mostra originalmente a verdade, é a superfície em que o relevo, ao mesmo tempo se manifesta e se anula – o retrato: É preciso que aquele que escreve a história das doenças... observe com atenção os fenômenos claros e naturais das doenças, por menos interessantes que lhes pareçam. (FOUCAULT, 1977, p.4)

Uma palavra que durante a idade medieval era demonizada, e tinha que se dissipar por seu significado, seu peso e sua potência que era considerada potencialidade negativa, seria o “louco”, mas essa palavra não teria que ser tão pérfida e temida, e sim a menção que com o decorrer da cronologia, teria mais uma potencialidade negativa, por vir à tona, que seria: “doença mental”. Tendo seguimento, o louco tem uma passagem para o estado de doente, que aparentemente seria uma nova qualificação para esse quadro, que em verdade seria uma tomada de poder.

Em seu funcionamento com todos os seus propósitos, o hospital geral, não viria a se parecer com nenhuma ideia médica. Sempre teve no fundo de sua existência, valores regidos por uma instância de ordem de uma monarquia e burguesia que se organizou na França nesse mesmo espaço de tempo. O que veio a inventar o internamento, foi o caciquismo, um pouco como a idade média a segregação dos leprosos, mas com o vazio que os leprosos deixaram, outras pessoas vieram a tomar como ocupação no cenário do mundo Europeu: que seriam os internos.

Esse mecanismo que sanciona o poder de detenção, pelo método da vigilância com resultado manifestado através do total aprisionamento, e a conformidade com essa espécie de prisão, seja literalmente nas casas de detenção ou nos campos de quem trabalha, acaba que finalmente formulando esse dispositivo de poder retomado em todos os contextos políticos e sociais. Tal instituição servia de encerramento punitivo que levava para a Europa na segunda metade do século XVIII, o que se tornou uma forma de enquadramento geral, instaurada na grande massa da sociedade moderna, seja ela socialista ou capitalista.

Mudando de região geográfica e temporalidade, com a intenção de nos levar a uma viagem no tempo em meio ao século XIX no Brasil, quando tal país ainda era dependente de Portugal, e só veio a instituir sua independência no ano de 1822, Machado de Assis²⁴² e toda a potencialidade de sua literatura, problematiza através de

²⁴² Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839 — Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1908) foi um escritor brasileiro, considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores um dos maiores senão o maior nome da literatura do Brasil. Escreveu em praticamente todos

uma narrativa regida por uma ficção que nos faça se aproximar ao máximo de uma real noção, de como deu-se em nosso país o tratamento e menção aos alienados, que recebiam tratamentos por alienistas²⁴³.

Em Itaguaí, cidade realmente existente no estado do Rio de Janeiro, na temporalidade que Simão de Bacamarte, médico alienista que estava retornando da Europa para a cidade de Itaguaí, e decidiu estudar a loucura, ele era um cidadão dedicado a ciência, com temperamento totalmente sereno, sempre procurou agir dentro da imensidão maior do quadro de racionalidade, já que sua principal intencionalidade era estudar as pessoas que fugiam desse padrão de normalidade, e eram considerados alienados.

O médico alienista era casado com Dona Evarista, uma viúva de 25 anos de idade, que era uma mulher que não emanava beleza nem simpatia, mas Simão acreditava ter capacidade de ter vários filhos saudáveis e com muita força. Como ela era desprovida de beleza, o médico não precisaria perder tempo em reparar a esposa, daí teria tempo para fazer o que mais gostava de manifestar: sua total dedicação para os seus estudos voltado para campo das doenças mentais. Simão Bacamarte um certo dia conversando com seu amigo Crispim Soares, fez o seguinte comentário: que um medico de verdade, deveria cuidar fielmente da cabeça dos loucos, já que em Itaguaí os loucos ou alienados viviam trancafiados dentro de suas casas. Em virtude disso, o estudioso médico pensou em construir uma casa para eles e levou essa ideia aos vereadores da cidade, sendo assim sua ideia aceita. Com o surgimento da Casa verde, o médico passou a trancafiar dentro desse espaço, pessoas que tinham o comportamento diferente do seu, já que ele se considerava o único apto e normal a diagnosticar essa enfermidade nas pessoas com o avanço de suas pesquisas científica, e a potencialidade e análise de seu próprio discurso que muitas das vezes acabava facultando as pessoas.

O que eu tenho pra falar é muito mais importante. É uma experiência científica. A ciência assim, senhor Soares. Ela é uma investigação constante, e a experiência que estou fazendo vai mudar o mundo. Até agora eu achava que a loucura era uma ilha no meio do mar da razão. Agora acho que ela é um imenso continente. (ASSIS, 1881, p.16)

os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Afro-descendente, testemunhou a Abolição da Escravatura e a mudança política no país quando a República substituiu o Império, e foi grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época.

²⁴³ Aquele que trata de alienados, ou seja: que trata de pessoas que não têm ou que perderam sua identidade, ou que vivem num estado em que se tornaram alheios a si mesmos, a si próprios, em um estado em que não são responsáveis plenamente por seus atos.

Assim, os dias foram passando e o comportamento do alienista estava ficando cada vez mais demorado, até que chegou um dia, em que ele havia trancado toda a cidade de Itaguaí dentro da casa verde, por achar que até mesmo um simples comportamento emanado de uma pessoa, seria uma manifestação lunática e precisava ser estudada e tratada. Em virtude de tais medidas de Simão Bacamarte, o barbeiro Porfírio, lidera uma rebelião contra a Casa Verde, conseguindo assim chegar ao poder na cidade, mas depois mostra que tinha apenas ambição pelo poder, pois se nega a colaborar com uma segunda rebelião.

Sendo assim, depois que tudo acabou por se acalmar, o alienista volta ao comando da casa verde, e todos tem uma grande surpresa, o médico resolve soltar todas as pessoas desse espaço de detenção, e prossegue dizendo que todas aquelas pessoas estão curadas, e que a partir dali ele mesmo passou a ser sua própria e nova fonte de pesquisa científica, no qual dele seriam emanados a própria teoria e prática do processo. Chegando a finitude dessa narrativa, o alienista Simão Bacamarte morre dezessete meses depois de ficar recluso dentro do espaço de internação que ele mesmo comandou, sem achar a resposta que tanto procurava regida pela interrogação de si mesmo.

(In) concluímos que a presente narrativa Machadiana o alienista, problematiza a seguinte abordagem, de como a sociedade e a ciência regida no século XIX no Brasil, lidava com a loucura, sendo que se tornou notório, a percepção que tais medidas, não eram nada dotadas de humanidade. Com todo o seu percurso na cronologia, a loucura até o fim dos anos 1980, foi regida por um tratamento de exclusão através de asilos, manicômios e presídios.

Machado de Assis, com toda a narrativa do alienista, nos faz trazer a ótica descritiva contida em seu livro, de que o médico Simão Bacamarte perdeu o pudor em prol de seus próprios interesses relacionados aos estudos científicos, pensava somente em si e que a ciência era tudo, percebemos que a obra trata-se de uma ficção, mas que tem a intenção de nos fazer pensar no real, afinal, é como diz o historiador Francês Roger Chartier *“a ficção é um discurso que informa do real, mas não pretende representa-lo nem abonar-se nele”*, enquanto a história pretende dar uma representação adequada a realidade que foi e já não é. (CHARTIER, 2009, p.24). Em virtude do discurso científico, foi possível criar um processo indentitário para segregar aqueles considerados insanos e diferentes, do meio social.

No Brasil foram criadas algumas instituições destinadas aos alienados, sendo a primeira delas, o Hospício de D. Pedro II, entretanto, sabe-se que os hospícios serviam como ferramenta que emanava exclusão, onde não existia direitos humanos. Nessa perspectiva, a obra Machadiana *O Alienista*, não é apenas uma crítica a ciência do século XIX, é uma narrativa ironizada destinada a sociedade Brasileira, que esperou demais da medicina e das ciências a solução para a loucura.

O objetivo principal dessa pesquisa é usar o conteúdo contido no livro de Michel Foucault, *A história da Loucura*, nos fazendo pensar no tratamento dos loucos em toda a idade medieval nos hospitais gerais em todo o cenário da Europa, e o livro *O alienista* do Machado de Assis, trazendo à tona através de uma descrição crítica narrativa, a ciência na era moderna no Brasil, e unificando ambos os conteúdos, pensar em um percurso que aborde a loucura, e o tratamento dos loucos em nosso século XXI.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.